

A ONG ENCINE E O PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA O USO CRIATIVO DAS TICS

MÁRCIO REGIS FERNANDES

Graduado em Comunicação Social (UFC); Licenciado em História (UECE); Especialista em Metodologias do Ensino de História (UECE); Especialista em Didática (UECE); Mestrando em Educação (UECE). E-mail: fernandesregismarcio@gmail.com

Introdução

Embora as temáticas do cinema e da mídia na escola já encontrem eco no meio acadêmico, evidencia-se a relativa exigüidade de trabalhos científicos sobre a utilização e produção de vídeos documentários em sala de aula. Compreende-se o vídeo documentário como uma técnica mais versátil, capaz de ser produzida e assimilada por professores e alunos no ambiente escolar; pois, atualmente, devido aos avanços da tecnologia digital é comum a edição e produção desses vídeos na escola. Portanto, o vídeo documentário integra o gênero documentário da sétima arte, que pode ser produzido para o cinema, televisão ou vídeo (NAPOLITANO, 2004). Ao tratar do vídeo documentário, em geral, pode-se inferir elementos comuns ao cinema como um todo.

Considera-se que a potencialidade do cinema em sala de aula não tem sido plenamente explorada, tendo em vista que, apesar de toda a aceitação de sua importância para o conhecimento escolar, algumas perspectivas equivocadas ainda persistem. Por exemplo, ao incorporar filmes em suas aulas, acredita-se, muitas vezes, que o professor não está dando aula e o filme “é para passar o tempo”. Esse preconceito pode advir tanto dos alunos como de seus colegas e do grupo gestor.

No caso do vídeo documentário há uma lacuna ainda maior, porque ainda é um gênero pouco reconhecido quanto à sua produção para fins pedagógicos no ensino de História. Inclusive, pesquisas em sites da área, em bases de dados e bibliotecas revelam a escassez do tema, apesar dos recursos tecnológicos atuais estarem

mais disponíveis nas escolas. Afinal, o vídeo documentário, por ser uma técnica mais acessível, é capaz de aproximar o aluno da sua história de vida e da sua realidade social. Por conseguinte, possibilita uma trama de significados, na qual se articulam diferentes dimensões de tempo e espaço dos sujeitos.

Nesse contexto, pode-se considerar a sala de aula como um espaço onde professores e alunos transmitem informações e constroem sentidos. Trata-se de uma relação marcada por tensões em que se torna inseparável o significado da teoria e da prática, do ensino e da pesquisa. Pretendo com esse artigo demonstrar o início da minha pesquisa de mestrado sobre a proposta de formação da organização não governamental (ONG) Encine para o uso criativo das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), especificamente o vídeo documentário como instrumento do ensino aprendizagem da História.

A Encine

A ONG Encine trabalha com a formação de professores e alunos para o contato com as TICs. Ela tem por finalidade incentivar professores ao uso das TICs, possibilitando aos estudantes a criação de produtos de comunicação para o desenvolvimento dos conteúdos escolares, inclusive vídeos documentários.

A Encine busca atingir esse objetivo através de um conjunto de ações orientadas pela idéia de que o ato da comunicação é o que impulsiona o ser humano a enfrentar obstáculos e desafios. Entre essas ações destacam-se mostras, cursos, concursos, exposições, peças teatrais, produção de filmes, vídeos (mais de 60 produções, entre desenhos animados, documentários e campanhas beneficentes), eventos, programas de rádio e televisão, entre outros. (TORRES, 2007, p.61)

Para isso, a Encine instala os Laboratórios de Comunicação Escolar (LACE) na própria escola pública beneficiada com o proces-

so de formação oferecido a professores e alunos. No que se refere, especificamente, ao processo de implementação dos LACE, a Encine realiza as seguintes etapas: diagnóstico escolar; sensibilização dos professores e corpo gestor; estruturação do espaço físico do LACE; formação dos estudantes da escola; desenvolvimento das atividades com professores e estudantes; assessoria e suporte técnico. A comunidade escolar utiliza os laboratórios de comunicação na produção de jornais escolares, exposições fotográficas, peças publicitárias, programas de rádio, televisão e vídeos. Todo esse material tem como um dos objetivos, auxiliar no ensino-aprendizagem das diversas disciplinas escolares, inclusive a História.

O LACE pretende ampliar a metodologia de ensino dessas escolas, permitindo uma abordagem diferenciada dos conteúdos escolares por meio de produtos midiáticos produzidos pelos alunos nos laboratórios de comunicação. Os alunos podem no LACE, trabalhar o conteúdo da escola de forma prática, produzindo vídeos, jornais, programas de rádio, etc. Isso permite que os professores tenham uma maior visão da capacidade dos equipamentos tecnológicos de comunicação e possam passar para os alunos melhores formas de se trabalhar a educação com os meios de comunicação. Isso porque o projeto do LACE não constitui apenas na instalação dos laboratórios nas escolas, mas também uma formação de alunos e professores de como trabalhar com os meios de comunicação. (BENEVIDES, 2013, p.29)

Para isso, alunos e professores recebem cursos de formação diferenciados. No caso dos professores, são selecionados dez profissionais de cada escola para receberem formação técnica e teórica de forma integrada. Essa formação envolve, dentre outros pontos, o manuseio com câmeras de vídeo e fotográficas. O conceito de educomunicação¹ permeia toda a capacitação. Esses professo-

¹ Os recentes estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE) sobre a inter-relação comunicação e educação apontam para a emergência de um campo de intervenção social caracterizado por oferecer um suporte teóri-

res tornam-se multiplicadores da formação em suas escolas com o intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem nas suas respectivas disciplinas.

(...) a gente está fazendo formação para os professores é para que os professores, de alguma forma, sensibilizem, motivem, para que os conteúdos de sala de aula sejam estimulados de serem trabalhados nos laboratórios. Por isso, a formação com os professores, por isso, não só a formação com os estudantes, para que haja esse feedback entre o professor que está ali e o estudante (BENEVIDES, 2013, p.30)

Em 2007, na primeira edição do LACE, o curso de formação de professores recebeu o nome de “Diálogos Escolares Contemporâneos” com a duração aproximada de dois meses, num total de sessenta horas aula, distribuídas em quinze módulos abrangendo os seguintes temas: comunicação, escola, educação, juventude, família, política, comunidade, cultura digital, o uso dos recursos tecnológicos para promoção do aprendizado baseado na investigação através da pesquisa na internet, produção de material multimídia e gerenciamento de arquivos, possibilidades da utilização da internet como suporte à educação, exploração do blog e suas possibilidades pedagógicas e o estudo do vídeo como recurso pedagógico. Na época, as aulas aconteceram na sede própria da Encine no bairro do Papicu.

Acredito que um vídeo documentário produzido por alunos e professores de história, por exemplo, sobre a história do bairro ou de vida desses alunos, possa envolver todos os temas citados acima. No entanto, para que isso ocorra, também seria necessária

co-metodológico que permite aos agentes sociais compreenderem a importância da ação comunicativa para o convívio humano, a produção do conhecimento, bem como para a elaboração e implementação de projetos colaborativos de mudanças sociais. O conceito da educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar. (FONTE: NCE-USP)

uma espécie de “alfabetização visual”² desses alunos e professores afim de que essa produção coletiva possa ter um valor histórico e pedagógico representativo. De acordo com a Coordenadora Pedagógica do projeto LACE, Raquel Noronha, em entrevista concedida ao pesquisador Fernando Vasconcelos Benevides em 2010, a proposta de formação possui como uma de suas finalidades despertar o professor para a possibilidade de relacionar o cotidiano do aluno com o conteúdo curricular.

A idéia é de que a gente possa aliar, dentro de uma perspectiva de uma formação cidadã e de uma educação como função social, os conteúdos científicos ou mais teóricos. Mas, principalmente, a escola pública tem um papel de buscar trazer esses conteúdos para a realidade desses jovens e desses adolescentes. É isso que a gente entende nos processos de formação e principalmente numa escola pública que trabalha com essa perspectiva de formação cidadã. Então, nesse sentido, a gente quer fortalecer algumas escolas que já tem feito esse trabalho de trabalhar os conteúdos que já são previstos na grade curricular, aliar a realidade desse jovem. Trabalhar a Geografia a partir da realidade local do bairro em que eles vivem, trabalhar a história a partir da história do bairro em que eles vivem. Eles vão poder estudar a história universal, mas porque não estudar a história universal, a história geral, a partir da realidade em que eles vivem? Então, há total condição de aliar um conteúdo científico ou um conteúdo mais teórico à realidade ou ao contexto desses jovens. As mídias e as TICs (Tecnologia de informação e comunicação) têm esse poder porque elas vão mexer com muitos sentidos, os sentidos da visão, da audição, várias formas de sentidos que a gente tem e que as vezes a gente não consegue trabalhar isso se não aliada a alguma ferramenta que colabore com isso. Por exemplo, se eu for trabalhar um vídeo, eu vou poder trabalhar várias dimensões

² Conceito utilizado pelo pesquisador português José da Silva Ribeiro em seu livro intitulado *Antropologia Visual*, edições Afrontamento, 2004.

com esse jovem. Eu vou trabalhar a linguagem escrita, eu vou trabalhar a criatividade, eu vou trabalhar o senso crítico desse jovem porque ele vai produzir um roteiro, eu vou poder trabalhar a questão visual. Então assim, são várias possibilidades que a gente tem de aliar o conteúdo regular ao contexto da realidade desses jovens. (BENEVIDES, 2013, p.31)

O curso de formação de professores, assim como a formação realizada com os alunos que participam do projeto LACE, são certificados pela Universidade Federal do Ceará com a participação de professores dos cursos de Psicologia e Comunicação Social na formação, assim como “educadores” da própria ONG. Dessa forma, acredito que o LACE torna-se uma ação permanente de uso das TIC para o desenvolvimento das atividades letivas. A estrutura tecnológica do LACE é doada à escola ao final do período da implantação do projeto. Ela é composta de câmera de vídeo, câmera fotográfica, computador de edição, projetor de vídeo, impressora, scanner, mesa de som, microfone e outros equipamentos de audiovisual. Também é viabilizado um espaço na escola para a montagem de um Laboratório de Comunicação, onde os equipamentos são alocados. Este espaço passa por reformas a fim de adaptá-lo para o uso de ferramentas de comunicação, como tela de projeção, luminárias para gravação e parede em fundo croma, que são alguns itens necessários.

A Encine também criou o site <www.entrelace.org.br> para incentivar a comunicação entre as escolas que possuam laboratórios numa tentativa de formar uma rede de comunicação virtual que possa ampliar as possibilidades dos processos pedagógicos e de ensino-aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens de escolas públicas de Fortaleza e região metropolitana, através do fortalecimento da metodologia dos Laboratórios de Comunicação Escolar.

A rede “Entrelace” tem como finalidade promover um intercâmbio de experiências, ideias e conhecimentos entre os LACE, possibilitando um amplo acesso aos produtos realizados nestes

pela comunidade escolar, além de expor para a sociedade todo o trabalho produzido. Cada LACE disponibiliza uma área específica onde serão postados vídeos, fotografias, materiais pedagógicos e didáticos produzidos nos laboratórios. Atualmente esta rede virtual é composta pelas seguintes escolas públicas: CAIC Maria Alves Carioca, CEM Deputado Manuel Rodrigues, CMES Francisco Edmilson Pinheiro, EEM Dragão do Mar, EMEF Instituto São José, EMEIF Professor Álvaro Costa e EMEIF Taís Maria B. Nogueira.

A rede conta, também, com suporte de transmissão ao vivo, possibilitando que cada laboratório transmita atividades da escola e/ou comunidade (aulas, palestras, eventos, formações, etc.) em tempo real para toda a rede, dentro de uma programação pré-definida. A interação com a rede pode ser efetiva com a utilização do *chat* do portal.

Com linguagem adequada e atrativa, este portal também contém áreas especiais, porém sem restrição, para professores, alunos e sociedade em geral. Educadores, crianças, jovens, pais, todo e qualquer interessado em educação através das mídias encontrarão conteúdos que visam a participação, democratização da informação, liberdade de expressão, criatividade e criticidade. Um exemplo é a TVez, um Programa de Extensão da Universidade Federal do Ceará que integra o Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) com participantes dos cursos de Comunicação Social e Psicologia. O Programa desenvolve ações de leitura e produção crítica da mídia em escolas públicas cearenses.

Daí observa-se a complexidade de fatores para se alcançar uma formação de professores para o uso das TICs. Dessa forma, percebo que a minha formação inicial em jornalismo aguçou o meu interesse para conhecer e explorar recursos midiáticos que lidam com “versões da realidade”, como o jornal e o vídeo documentário, enriquecendo assim a minha prática docente em história. O trabalho desempenhado pela ONG Encine com a criação da rede virtual Entrelace despertou o meu interesse de professor pesquisador que

quer refletir sobre a formação e a prática do professor de história para trabalhar com o cinema e a produção de vídeos documentários nesses laboratórios escolares.

Cinema e História

Desde o início do século XX, educadores consideram o cinema como um importante recurso didático no ensino de História. Parte-se da concepção de que o cinema pode ser capaz de criar possibilidades de construção do conhecimento histórico escolar, pois o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar uma consciência histórico-crítica, um dos objetivos do ensino de História (BRASIL, 1999).

Tradicionalmente, o cinema tem início em 1895 com uma série de filmagens documentais, dentre as mais famosas, “A chegada do trem à estação *Ciotat*” e a “Saída das operárias da Fábrica *Lumière*”. Mas a primeira produção considerada documental e identificada pela prática documentarista foi realizada pelo americano Robert Flaherty que filmou “*Nanook Of The North*”, O Esquimó, em 1922. (MAGALHÃES JUNIOR, 2010).

Uma das forças desse gênero cinematográfico vem dessa relação de registro, documentação, captação do real que deu ao documentário uma certa “autoridade” e “legitimação”. Para Magalhães Junior (2010) o documentário deve estar vinculado à realidade, por ser uma representação da realidade, mas nunca a realidade em si.

Lembramos que, diferente da ficção, o documentário deve está vinculado ao que realmente ocorreu, sabendo que nunca estaremos frente a frente com o mesmo instante documentado e sim com o sentido que o produtor concebeu, mas que a percepção transmitida pode fazer o espectador ver o mundo de forma diferente, trata-se de um sentido que gera sentidos. Um filme é possibilidade da constituição de novos sentidos. (MAGALHÃES JUNIOR, 2010, p. 320)

Nessa perspectiva, mesmo os documentários históricos não podem ser concebidos como túneis do tempo pelos quais o passado “real” se abre. Todo filme, documentário ou ficção histórica é fruto de escolhas e de perspectivas. Portanto, deve ser questionado como qualquer outro objeto da indústria cultural. De acordo com Napolitano (2005), a abordagem do documentário se dá pelo conteúdo que ele veicula como se fosse um olhar verdadeiro e científico sobre o tema ou questão retratada. Isso não significaria que este recorte da realidade seja o real em sua totalidade.

Contudo, vale salientar que, apesar de alguns historiadores estabelecerem uma diferenciação entre os gêneros documentais e ficcionais, essa separação radical pode ser questionada, já que as fronteiras entre essas linguagens se misturam. O historiador Claudio Aguiar Almeida (apud NAPOLITANO, 2004) chama a atenção para a importância da análise historiográfica não se limitar a filmes de caráter documental, como se eles fossem testemunhos mais autorizados de uma sociedade, pois “o longa metragem ficcional, independentemente de sua qualidade ou reconhecimento a partir de valores estéticos, também pode ser percebido, por parte do público, como fonte de verdade histórica” (NAPOLITANO, 2004, p. 241).

Com o advento da Escola Nova, inicialmente nos Estados Unidos e na Europa, educadores e estudiosos da Psicologia da Aprendizagem começaram a confrontar às práticas pedagógicas consideradas tradicionais. Eles defendiam uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade, ampliando, assim, a democratização do acesso à escola. Nesse mesmo período histórico, os teóricos da Escola de Annalles iniciavam o processo de renovação da produção historiográfica.

Portanto, a aceitação do filme como documento resulta dessa mudança de paradigmas, na qual o documento escrito, principal fonte histórica da escola metódica, perde sua hegemonia nas concepções da Nova História. Isto se dá, sobretudo, a partir da obra de Marc Bloch e Lucien Fèbvre e da fundação da revista *Annalles: Anais*

de História Econômica e Social. Estes teóricos podem ser apontados como responsáveis pelo desenvolvimento de um novo modo de produção historiográfica, no qual o historiador fabrica seu objeto e ele mesmo é sujeito na produção da História. Com isso, a concepção tradicional de que é possível que a verdade absoluta e atemporal surja dos estudos de história sofreu um forte abalo.

Na escola, a atividade com cinema tem um caráter curricular, conseqüentemente político, pedagógico e cultural. Elementos como imagens, efeitos sonoros, enquadramentos e outros podem gerar sentidos e significados inesperados. Por isso, é importante ficar atento no sentido de captar essas possibilidades e potencializá-las. Nesse sentido, a escola é um espaço no qual o ensino pode ser ampliado, complementado e compreendido com outras linguagens.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio e do Ensino Fundamental reconhecem a possibilidade do cinema como fonte histórica, mas advertem o professor sobre a predominância de valores do presente em filmes históricos.

No caso de trabalho didático com filmes que abordam temas históricos é comum a preocupação do professor em verificar se a reconstituição das vestimentas é ou não precisa, se os cenários são ou não fieis (...) um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que a época que retrata (...). Para evidenciar o quanto os filmes estão impregnados de valores da época com base na qual foram produzidos tornam-se valiosas as situações em que o professor escolhe dois ou três filmes que retratem o mesmo período histórico e com os alunos estabeleça relações e distinções, se possuem divergências ou concordâncias no tratamento do tema (...). Todo o esforço do professor pode ser no sentido de mostrar que, à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido, irradiando sentidos e verdades plurais (BRASIL, 1998, p.88)

O gênero documentário, por sua vez, possui uma abordagem mais científica sobre o tema que busca retratar. Porém, ele também deve ser tratado pelo professor de história como um recorte da realidade, um olhar sobre a história.

O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do roteiro, técnicas de filmagens, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas dos profissionais envolvidos na sua realização (até porque seria impossível uma abordagem totalitária e unívoca de um problema social ou fenômeno natural). Portanto, o professor deve saber reconhecer essas escolhas por meio do próprio produto final e apontar controvérsias, interpretações diferentes, problemas não aprofundados, enfim, todas as questões que o documentário em questão não abordou. (NAPOLITANO, 2004, p.31).

Nesse caso, o professor que utiliza o cinema como recurso pedagógico tem que está atento para que os valores expressos pelos recursos técnicos e estéticos não sejam percebidos de forma naturalizada, já que a atenção maior do aluno se fixa na história contada, nos diálogos e nos efeitos emocionais causados pela trama. Entretanto, a proposta de utilização dos Laboratórios de Comunicação Escolar pelos professores e alunos extrapola a “simples” exibição de filmes como recurso didático, por mais bem trabalhado que seja.

Numa entrevista realizada pelo pesquisador Benevides (2013) com a coordenadora pedagógica do projeto Lace, Raquel Noronha é identificada uma subutilização dos laboratórios para a produção de vídeos, tendo como base uma crítica feita por um estudante da escola EMEF Taís Maria³:

Eles utilizam o espaço muito ainda na perspectiva de “vamos para lá para ver um vídeo, vamos para ver um filme”. Mas a percepção de que eu não preciso ir até o Lace só

³ Escola municipal de Fortaleza pertencente a Rede Entrelace

para ver o vídeo, eu posso ir ao LACE para fazer o vídeo, isso ainda tem que ser reforçado. Ainda não foi despertado isso. Eles têm feito. Eles fazem muito mais, assim, registro do que a escola desenvolve, os projetos que os alunos desenvolvem. Eles fizeram muito registro disso, muitas imagens. Os alunos do LACE estão trabalhando essas técnicas, mas o professor precisa ainda entender que você vai fazer parte dessa produção. É um desafio ainda muito grande. Em alguma medida, os professores acham que vão ter mais trabalho se forem fazer isso. Eu pensar, eu estudar uma escola literária produzindo um vídeo talvez vá dar mais trabalho do que eu chegar e colocar no quadro. Não é tão simples, é uma mudança de pensamento e de cultura muito profunda. A gente ainda tem uma educação essencialmente bancária. Trabalhar de forma lúdica ainda é um desafio na escola (BENEVIDES, 2013, p.59-60)

Caso seja constatada a subutilização da estrutura do LACE, por parte dos professores, na produção e utilização de vídeos documentários como instrumento de ensino aprendizagem de história, é intuito dessa pesquisa saber quais os fatores na formação desenvolvida pela ONG Encine que estão dificultando o processo. Tardif (2002, p. 128) propõe uma pedagogia que priorize a “tecnologia da interação humana, colocando em evidência, ao mesmo tempo, as dimensões epistemológicas e éticas”. Para esse autor, uma prática pedagógica precisa ter dinâmica própria, que lhe permita o exercício do pensamento reflexivo, conduza a uma visão política de cidadania e que seja capaz de integrar a arte, a cultura, os valores e a interação, propiciando, assim, a recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo de forma significativa. Nessa perspectiva, a função do professor é provocar, instigar e valer-se dos alunos para elaborar uma ligação com o objeto de aprendizagem, no caso do vídeo documentário. Para isso, faz-se necessária uma formação específica de professores e de alunos capaz de fortalecer essa prática.

Considerações Finais

O final do século XX foi marcado por mudanças de paradigmas e por novas propostas para a constituição do conhecimento histórico. Atualmente, as concepções da Nova História continuam modificando a produção historiográfica. As fontes tradicionalmente consagradas pela escola metódica se aliaram a outras, dentre elas, os diversos gêneros cinematográficos, inclusive o vídeo documentário. Outras temáticas e novas formas de abordagem da História estão sendo desenvolvidas, nas quais novos conceitos e categorias explicativas, como cotidiano e mentalidade, estão sendo incorporados à produção historiográfica. Essas novas tendências e as correntes historiográficas que entendem a História como construção, aliadas a concepções que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, provocaram transformações na História como conhecimento escolar. Tais transformações estão produzindo modificações no ensino de História.

De acordo com os estudos do historiador francês Marc Ferro (2010), pertencente a uma vertente da História Nova, o cinema é capaz de produzir novos conhecimentos, podendo ser considerado um documento histórico, portanto, possível de ser analisado em sala de aula. Seria um olhar diferente, partilhado entre alunos e professores sobre um determinado tema que pode ser amplamente debatido.

Atualmente, com as modernas técnicas de filmagens digitais, o vídeo documentário utiliza uma série de recursos e técnicas compartilhados pelo filme de ficção e de encenação. Ele pode ter personagens, cenários e locações; toda uma série de intervenções, da câmera, do entrevistador, do narrador, do montador, que alteram e modificam de forma significativa o mero “registro”. Nesse sentido, outro fenômeno se impõe: a utilização cada vez maior de registros de amadores. Esse fenômeno está associado ao barateamento e à disponibilidade das câmeras de vídeo e dos celulares e à possibili-

dade de postar imagens na internet, o que torna os nossos alunos potenciais produtores de imagens, repórteres, documentaristas, produtores de audiovisual.

O vídeo documentário poderia ser um recurso interessante para romper com essa prática, possibilitando uma dinâmica pedagógica mais crítica, interativa, criativa e contextual. Segundo Napolitano (2004), a análise fílmica começa quando se concilia o olhar que capta o resultado final de um filme e a reflexão sobre as escolhas, recursos e processos que estão por trás destes resultados. Nesse sentido, professores e alunos devem ir além dos filmes comerciais e buscar outros tipos de filmes, estilos e escolas de cinema. Este é um grande desafio que pode articular a experiência do cinema como lazer à ampliação dos repertórios culturais de alunos e professores.

Diante dessas reflexões que foram tecidas até aqui, surgem as questões norteadoras do projeto de pesquisa:

- Os professores de História das escolas com Laboratórios de Comunicação Escolar (LACE) estão produzindo e utilizando o vídeo documentário em suas aulas?
- Como esses profissionais estão sendo formados com relação a esse “novo olhar” diante do vídeo documentário?
- Os professores de História sabem identificar e compartilhar os conhecimentos produzidos pelo vídeo documentário com seus alunos?
- A formação realizada pela ONG Encine, conjuntamente com os cursos de Comunicação Social e Psicologia da Universidade Federal do Ceará, por meio do projeto Lapsus, está sendo suficiente para suprir a carência da formação universitária desses professores de história?

Essas questões também nascem da percepção que o historiador-educador ou o professor pesquisador é um profissional que

precisa dominar não apenas os mecanismos de produção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes, competências e habilidades capazes de fortalecê-lo na prática docente.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: história* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 1999.
- BENEVIDES, Fernando Vasconcelos. *LACE: o uso da comunicação para a educação*. Monografia de graduação do curso de Comunicação Social – UFC, Fortaleza.
- FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?* In: Le Goff, Jacques; Nora, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79-115.
- _____. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de história*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2011.
- MAGALHÃES JUNIOR, Antônio Germano. *Luz, Câmera e Emoção: vídeos documentários e história da educação*. In: Vasconcelos, José Gerardo et al (orgs) *Tempo Espaço e Memória da Educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo*. Vasconcelos et al (orgs). Fortaleza: edições UFC, 2010.
- MOCELLIN, Renato. *Historia e Cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- MORETTIN, Eduardo. *Uma história do cinema: movimentos, gêneros e diretores*. In: Devanil Tozzi et al (org.). *Caderno de cinema do professor: dois* / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação – São Paulo : FDE, 2009.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Cinema: experiência cultural e escolar*. In. Caderno de cinema do professor: dois / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi [e outros]. – São Paulo: FDE, 2009.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula*. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2008, Vol. 5, Ano V, nº 2.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TORRES, Geciola Fonseca: *Megafone! A voz dos jovens no diálogo entre comunicação, Educação e cidadania*. 2007. Monografia de graduação do curso de Comunicação Social – UFC, Fortaleza.